

PROPOSIÇÕES PARA UMA INTERPRETAÇÃO DA ARTE RUPESTRE NA ILHA DE SANTA CATARINA E ADJACÊNCIAS, BRASIL

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar

RESUMO

A arqueologia antropológica trouxe a interpretação da arte rupestre como uma possibilidade para investigar a cultura simbólica de tradições arqueológicas cujos conhecimentos antes estavam limitados à análise do universo material. A arte rupestre, desta forma, é aqui entendida como o registro físico da esfera simbólica e ritualística das populações que ocuparam o litoral catarinense há milênios. A dificuldade de associar os petroglifos da Ilha de Santa Catarina com uma das três tradições arqueológicas pré-coloniais que ocuparam a região fez com que as pesquisas lá desenvolvidas raramente ultrapassassem os estudos de frequência tipológica e a análise das técnicas empregadas na elaboração. Diante disso fica evidente a necessidade de novas investidas, baseadas numa análise mais madura do material já levantado, extraindo proposições analíticas e de interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Rupestre, Interpretação, Ilha de Santa Catarina

ABSTRACT

Anthropological Archaeology introduced a possibility to investigate rock art as the symbolic culture of archaeological traditions of which knowledge was once restricted to material culture analysis. In that way, rock art is here understood as a physical record of the symbolic and ritualistic field of those prehistoric populations settled in Santa Catarina State coast, thousands of years ago. Associating those petroglyphs to one of the three regional pre-colonial archaeological traditions was so difficult that researchers limited their studies on rock art to typological frequencies and production techniques. In the face of this, it is evident the need of new approaches based on a mature processing of the survey data, by extracting analytical and interpretational propositions.

KEYWORDS: Rock Art, Interpretation, Santa Catarina Island

A Ilha de Santa Catarina está localizada no litoral sul do Brasil, sob as coordenadas 27°22'49"S e 48°21'05"W, na região meridional do Estado homônimo. A Ilha é formada por praias arenosas de curta e média extensão, intercaladas por formações rochosas, caracterizando um típico litoral de transgressão marinha. Áreas cobertas por vegetação de restinga, planície quaternária e Mata Atlântica, distribuídas por quase 500 quilômetros quadrados de espaço territorial, associadas ao abundante recurso pesqueiro e à diversidade faunística, acabaram por constituir um chamariz para o estabelecimento das primeiras colônias de pescadores, que na Ilha de Santa Catarina datam de 5000 AP (LIMA, 2000).

Segundo André Prous (1992), condições ambientais relativamente uniformes, dispostas em uma situação de isolamento em relação às terras interioranas, podem ter gerado certa homogeneidade cultural, que se estendeu por todo o litoral sul do Brasil. Assim sendo, “em consequência de uma geologia e de uma ecologia homogêneas, a economia e a tecnologia básicas evidenciam numerosos pontos de convergência, o que não impede que fácies culturais diversas tenham se desenvolvido no espaço e no tempo” (*ibid.*:199). De fato, ainda que se ocupe de tratar tão somente das ocupações de caçadores e coletores, percebe-se uma grande diversidade na cultura material, bem como na morfologia dos assentamentos, evidências que demonstram diferentes matrizes culturais em meio aos diversos assentamentos deste período arqueológico para o litoral catarinense.

Estudos anteriores (ROHR, 1969; AGUIAR, 2001; AGUIAR 2002; AGUIAR, 2003a), constataram que a Ilha de Santa Catarina possui importantes sítios de arte rupestre dispersos pelos costões rochosos de suas praias e em diversas ilhas adjacentes. Estes símbolos, gravados sobre o diabásio, são obra de alguma das (ou mais de uma) tradições que habitaram a região em períodos remotos. Foram três as tradições arqueológicas que habitaram a região no passado pré-colonial: os *caçadores e coletores*, os *itararé* e os *guarani*. A dificuldade em se relacionar a cultura material destes povos com os símbolos gravados nas pedras mostra-se um entrave para a identificação dos autores dos petroglifos. A ausência de relatos etno-históricos que façam referência ao *guarani* na prática da confecção da arte rupestre coloca em dúvida a possibilidade dos indivíduos desta tradição terem sido os autores dos grafismos rupestres. Assim sendo, é interessante buscar associar as manifestações rupestres com as populações *caçadoras e coletoras* e *itararés*. Ao partir deste pressuposto, a produção dos grafismos rupestres estaria dividida em dois períodos: um mais antigo de sulcos estreitos, desgaste acentuado dos símbolos e maior incidência de pátina, que poderia estar relacionado com os povos *caçadores e coletores*; e outro mais recente, de sulcos mais largos e bem marcados,

predominância de círculos e menor incidência de pátina, que por sua vez poderia ser associado à tradição *itararé* (AGUIAR, 2001).

Os incontáveis assentamentos registrados pela Arqueologia, herança dos 5.000 anos de ocupação humana na Ilha de Santa Catarina, somados à grande quantidade e diversidade de restos alimentícios encontrados nos estratos arqueológicos demonstram que ecologia e clima foram favoráveis para que as populações pré-coloniais usufríssem um excelente *habitat* (AGUIAR, 2003b). Tal situação permitiu que estas populações vivessem em assentamentos relativamente estáveis, não sendo necessário mover-se por consequência de esgotamento de recursos naturais. Ou seja, mesmo entre os caçadores e coletores, havia um relativo sedentarismo, onde a ausência de agricultura era compensada pela abundância de outros recursos naturais. Ao considerar todo o litoral de Santa Catarina, é possível supor que os grupos de caçadores e coletores pudessem permanecer num mesmo local por centenas, até milhares de anos. Como evidência para dar sustentação a tal suposição há a grande quantidade de restos alimentares encontrados nos estratos arqueológicos dos sambaquis. A própria dimensão de muitos dos sambaquis reitera esta hipótese, já que Santa Catarina possui os maiores sambaquis do mundo. Alguns sambaquis catarinenses chegaram a medir trinta metros de altura. Ainda que se justifique a dimensão de muitos sambaquis como resultado da ação de um expressivo contingente humano, em muitos casos é possível verificar entre os estratos arqueológicos longos períodos de ocupação continuada, o que aponta para o uso da mesma área por várias décadas.

Porém, o objetivo deste artigo não é refletir sobre os padrões de assentamentos das tradições arqueológicas pré-coloniais, tema que aqui é apresentado somente a título de contextualização. O que se pretende é apresentar algumas proposições de interpretação da arte rupestre da Ilha da Santa Catarina e adjacências. Antes, contudo, é necessário apresentar a definição do objeto de estudo. Por definição, arte rupestre é o nome que se dá às figuras feitas sobre as pedras ou paredes rochosas por diferentes culturas humanas do passado (AGUIAR, 2002). A arte rupestre pode ser dividida em duas categorias: as gravuras rupestres (petroglifos) e as pinturas rupestres (pictoglifos) – na Ilha de Santa Catarina existe somente a primeira modalidade. Estes símbolos, que em muitos casos remontam milhares de anos, chegaram à contemporaneidade como um importante registro da cultura imaterial de populações ágrafas. Desta forma, a arte rupestre passa a ser o único elemento de análise arqueológica que possibilita levantar inferências no campo da cultura simbólica (AGUIAR, 2004). Entende-se, então, a arte rupestre da Ilha de Santa Catarina como o registro físico da

esfera simbólica e ritualística daquelas populações que ocuparam o litoral catarinense há milênios.

A ecologia apresenta profundas relações com a economia e com o modo de vida de grupos humanos (EVANS-PRITCHARD, 1978). Assim, para tentar interpretar a arte rupestre, deve-se antes avaliar cuidadosamente o entorno ecológico. O campo da interpretação da arte rupestre é difícil e deve se ter em conta que as inferências nem sempre conduzem a propostas conclusivas. Mas, sem dúvida, para obter maior probabilidade de êxito em suas proposições interpretativas, o arqueólogo deve partir do levantamento da arte rupestre e, em segunda instância, da análise dos vestígios arqueológicos levantados em escavações tradicionais em paralelo com a avaliação das formas de apropriação do entorno ecológico (AGUIAR, 2004).

Discute-se a possibilidade da arte rupestre ter um valor religioso, mágico; uma magia simpática da caça, ou ainda formas de culto estelar (PROUS, 1992: 539; CONKEY, 1993: 96). Com base na análise dos elementos e suas repetições, o arqueólogo André Leroi-Gourhan (1993) verificou que certos povos que ocuparam determinada região da Europa no paleolítico projetaram um pensamento estruturado nas paredes das grutas. O trabalho de Gourhan demonstrou que, a partir do estudo da arte rupestre, é possível determinar aspectos da cultura não material dos povos da pré-história, o que seria impossível apenas com a tradicional escavação arqueológica.

Ao analisar a arte rupestre de determinada região, é importante a busca de atributos cronológicos e culturais: quando e por quem esta arte rupestre foi feita. Para isso, o arqueólogo utiliza diferentes técnicas, o que confere ao estudo da arte rupestre seu caráter científico (ARCA & FOSSATI, 1997). Quando o pesquisador se depara com um painel de gravações rupestres, pode estar diante de séculos de diferença a separar as muitas gravações. Para associar os símbolos a uma determinada cultura – ou culturas – o arqueólogo deve se valer do estudo das sobreposições, como se faz num estudo de estratigrafia arqueológica em uma escavação tradicional (*ibid*). Trabalhando com estratigrafia rupestre, se busca elementos sobrepostos que, ao apresentar diferenciação estilística, por sua vez indicam diacronismo, e desta forma pode se determinar os níveis de ocupação rupestre. São estes alguns dos elementos que podem ser usados para determinar diferenças estilísticas entre os níveis estratigráficos de um sítio de arte rupestre: cor, sulco, técnica de execução e técnica de representação. Através da relação entre estas variáveis pode-se atribuir níveis de ocupação rupestre a um sítio arqueológico considerado (MILLS, 1976).

Trabalha-se atualmente com formas de registro que se adaptam às condições da superfície da rocha, o que muitas vezes exige meios especiais de iluminação. Para isso, conta-

se com o registro fotográfico, registro de frotagem (método transfer), registro fotogramétrico e relevo de contato (ARCA *et. al.*, 1995). Todo trabalho de registro e catalogação foi feito pelo autor deste artigo no período de 1993 a 1997 para o levantamento de arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e adjacências e publicado posteriormente (cf. AGUIAR, 2002). Há muita especulação a respeito do significado dos petroglifos da Ilha de Santa Catarina. Chegou-se a atribuir à arte rupestre do litoral catarinense conotações místicas e metafísicas, associando elementos geométricos rotineiros a manifestações esotéricas. Associar os símbolos rupestres a manifestações sobrenaturais é, antes de tudo, subestimar a capacidade de abstração e de expressão ideogramática destes povos pré-históricos.

Entender a ecologia local e as apropriações antrópicas do entorno é fundamental para estabelecer as primeiras proposições interpretativas sobre os petroglifos da Ilha de Santa Catarina. É na natureza que encontramos os elementos motivadores que conduziram à elaboração dos símbolos que ali se encontram gravados. Não se pode esquecer que estes habitantes do passado eram pescadores tradicionais e que o mar era a principal fonte de alimentação. A importância do ambiente marítimo para a manutenção do modo de vida do homem pré-colonial acaba por ser materializada nos grafismos rupestres, seja por motivações religiosas ou pela necessidade de imortalizar fatos expressivos que aconteceram na vida daqueles habitantes. Desta forma, é natural que muitos dos símbolos da arte rupestre da região estejam ligados à atividade pesqueira.

O ponto de partida para a primeira proposição interpretativa é a *tipologia rediforme*. Representações de redes de pesca estão presentes em muitos sítios de arte rupestre. Na Ilha do Campeche existe uma figura que deu sustentação a toda uma linha de raciocínio para propor uma interpretação da arte rupestre do litoral meridional de Santa Catarina. Trata-se de uma representação rediforme com círculos e pontos gravados no interior de suas malhas. Dessa maneira, entende-se que o referido ideograma representa o ato da pesca, o exato momento da captura do pescado. Os peixes, neste painel, estariam reproduzidos por círculos e pontos. A imensa quantidade de círculos e pontos que se repetem em todos os complexos rupestres da Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes vêm confirmar a abundância alimentar da região em tempos pré-históricos (vide demais figuras).



**Figura 1: Elemento rediforme da Ilha do Campeche.
Círculos e pontos no interior das malhas representam o pescado**

A partir do momento em que se convencionou reconhecer círculos e pontos como peixes, outras cenas ganham significado. Um dos painéis da Ilha dos Corais, que apresenta figuras antropomórficas em meio a muitos círculos e triângulos, pode ser um indicador de símbolo clânico, demarcando uma região de reconhecida qualidade como ponto de pesca. O pescado pode haver sido representado em várias categorias: círculos, pontos, triângulos e helicóides; cada qual ilustrando um tipo ou uma qualidade de pescado.



Figura 2: Painel da Ilha dos corais. Figuras antropomórficas associadas a círculos e triângulos.
Esquerda: Fotografia mostra detalhe do painel. Direita: vetorização a partir do relevo de contato que apresenta o painel por completo.

Ainda na Ilha dos Corais, outros símbolos onde a pesca e o mar estão inter-relacionados foram registrados. Num destes momentos, uma série de círculos pairando sobre linhas onduladas, representados logo abaixo de uma formação rediforme, sugerem simular o momento em que o pescador lança a rede sobre a presa. Na Ilha dos Corais há um sítio de ocupação pertencente à tradição Itararé, o que reforça a hipótese de associação deste estilo com a referida tradição arqueológica. O mesmo ocorre com a Ilha do Campeche.



Figura 3: Elemento rediforme sobre círculos e linhas onduladas pode estar representando o exato momento em que o pescador lança a rede sobre as presas.

Entende-se, dessa forma, que linhas onduladas paralelas é a representação gráfica do mar. Partindo desse princípio, outro elemento da Ilha dos Corais mostra-se sujeito a interpretação: a figura helicoidal de fase dupla. Este símbolo, que em um petroglifo aparece na vertical, sobre linhas onduladas, e em outro na horizontal (neste segundo caso abaixo das linhas onduladas), parece ser mais uma forma de representação de espécies ictíacas. Nestes dois casos, onde o pescado agora é representando pela figura helicoidal de fase dupla, há o registro de momentos comuns no universo da pesca marítima: em um o peixe nadando sob a água e noutro saltando entre as ondulações do mar, ou seja, são cenas corriqueiras no dia-a-dia do pescador.



Figura 4: Figura helicoidal de fase dupla em dois petroglifos distintos, ora na vertical sobre linhas onduladas, ora na horizontal, abaixo de linhas onduladas.

Estariam tais símbolos relacionados à magia simpática? Conforme mencionado, Leroi-Gourhan (1993), em seu ensaio sobre arte rupestre paleolítica, reconheceu uma série de códigos, expressos dentro do pensamento simbólico dos homens da pré-história. Aqui, a prática mágica teria como essência a principal economia dos povos pesqueiros, sendo as formas de apropriação do entorno o elemento motivador. Os petroglifos, neste caso, não são somente o veículo de uma magia simpática aplicada à atividade pesqueira, mas também o memorial que garante o registro perene da história vivenciada por seus protagonistas.

Mediante o exposto entende-se que o entorno e suas apropriações antrópicas assumem um papel fundamental nas construções simbólicas coletivas, conduzindo a uma constante

representação nos muitos painéis dispostos pela Ilha de Santa Catarina e pelas ilhas menores que a circundam. Mesmo ciente da crítica que os modelos interpretativos sofrem da arqueologia processual, não se pode negar o potencial que a arte rupestre oferece para adentrar no universo simbólico de populações que normalmente só conhecemos por sua cultural material. Dentro da arqueologia antropológica entende-se que para se fazer arqueologia, independentemente da escala de tempo trabalhada, o mais importante é a capacidade do arqueólogo em recompor o estilo de vida das populações, fazendo uso do que Julian Thomas (1996) define como “imaginação arqueológica”. Segundo Drewett (1999), os arqueólogos não reconstroem o passado, pois o passado se foi, está perdido para sempre. O que o arqueólogo faz é criar uma série de histórias, ou interpretações, de como algo poderia ter sido ou ocorrido no passado e aí a interpretação da arte rupestre se apresenta como um campo privilegiado de trabalho.

Este artigo mostra-se um passo em direção a novas formas de análise do material rupestre, estabelecendo proposições interpretativas para a arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e adjacências. Diante da dificuldade de se relacionar os grafismos rupestres com as tradições arqueológicas que ocuparam o litoral catarinense, as pesquisas arqueológicas desenvolvidas na área em questão raramente ultrapassam os estudos de frequência tipológica e a análise das técnicas empregadas na elaboração. Emerge, portanto, a necessidade de novas investidas, baseadas numa análise mais madura do material já levantado, extraindo proposições analíticas e de interpretação. Esta forma de trabalho confere múltiplas possibilidades de significado para o universo simbólico destas populações do passado pré-colonial, mostrando-se todo um campo novo por onde o arqueólogo pode se enveredar.

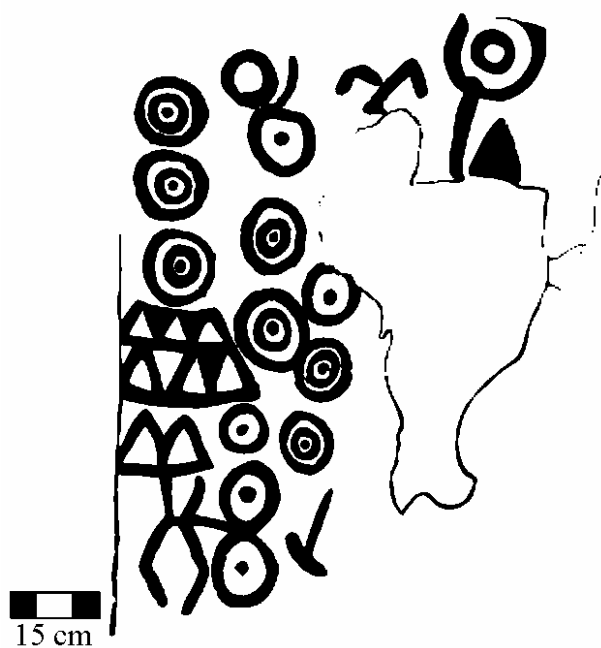


Figura 5: Círculos e triângulos, Ilha do Campeche.

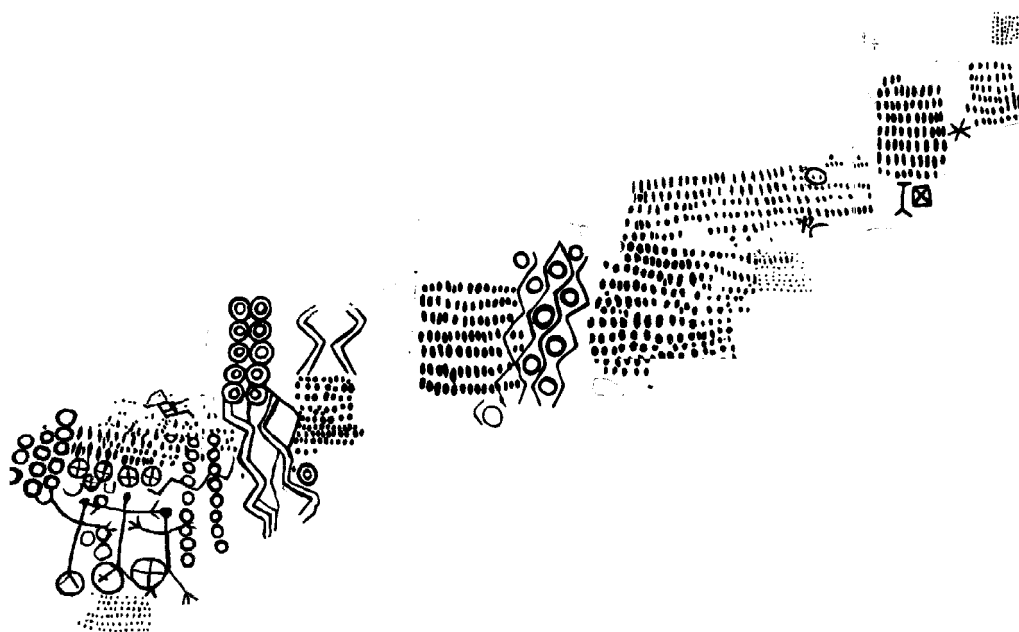


Figura 6: Vetorial obtido a partir do relevo de contato do Painel do Letreiro - Ilha do Arvoredo. Nesta cena, inúmeros círculos e pontos associados a figuras antropomórficas e outros motivos ilustram a importância da atividade pesqueira para os primeiros habitantes do litoral catarinense.

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar

Professor, Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Federal da Grande Dourados

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, R. 2004 “A arte dos pescadores pré-históricos no litoral catarinense. Ensaios interpretativos sobre a arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes.” *Revista Multitemática das Faculdades Energia*, Nr. 3. Florianópolis: Faculdades Energia, pp. 91-100.
- _____. 2003a “El arte rupestre como legado prehistorico en la Isla de Santa Catarina, Brasil.” *Revista Zephyrus de Arqueologia*, No 56. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 275-285.
- _____. 2003b *Los mbya guarani en el litoral de Santa Catarina, Brasil. Analisis y propuestas para intervenciones de desarrollo en la calidad de vida de la tribu – un estudio etnografico en la aldea indigena de Massiambu*. Tese de Doutorado. Salamanca: Departamento de Sociología y Comunicación, Universidad de Salamanca, 416p.
- _____. 2002 *Manual de Arqueologia Rupestre: Uma introdução ao Estudo da Arte Rupestre na Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes*. Florianópolis: IOESC.
- _____. 2001 *Arte Indígena e Pré-histórica no Litoral de Santa Catarina*. Florianópolis: Bristot.
- ARCÀ, A. e Â. FOSSATI, 1997 “Tracing the Past”. *TRACCE: On Line Rock Art Bulletin* Nº 7. (<http://www.rupestre.net/tracce/tracing.html>)
- ARCÀ, A., Â. FOSSATI, E. MARCHI, e E. TOGNONI 1995 *Rupe Magna: La roccia incisa più grande delle Alpi*. Sondrio: Edição do Consorzio per il Parco delle Incisioni Rupestri di Grosio, Ministério per i Beni Culturali e Ambientali e Soprintendenza Archeologica della Lombardia.
- CONKEY, M. 1993 “Humans as Materialists and Symbolists: Image Making in the Upper Palaeolithic”. in *Prehistoric Art. Readers* nº 1. Stanford University: Fall 1993.
- DREWETT, P. 1999 *Field Archaeology*. Londres: UCL Press
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978 *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva.
- LEROI-GOURHAN, A. 1993 “The religion of the caves.” in: CONKEY, M. (org.). *Pre-historic Art Readers (Fall of 1993)*. Department of Anthropology, University of California Berkeley.
- LIMA, T. 2000 “Em busca dos frutos do mar: os pescadores e coletores do litoral Centro-Sul do Brasil”. *Revista USP* No 44. São Paulo: CCS USP.
- MILLS, C. 1976 *Proposições Analíticas para a Elaboração de Cronologias Relativas e Tipologias para a Arte Rupestre*. Paris: XLII Congès International des Americanistes.
- PROUS, A. 1992 *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB.
- ROHR, J. 1969 *Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.
- THOMAS, J. 1996 *Time, Culture and Identity: an interpretive archaeology*. Londres: Routledge.